



www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24884

O estagiário como estrangeiro: alguns estranhamentos que podem guiar o futuro professor “de volta” à escola¹

*En la realidad de cada día,
situarse en la posición ventajosa del
extrangero
es poder mirar con perplejidad e
interrogativamente
el mundo en el que se vive.*

Maxine Greene, El Profesor como
extrangero.

Em nossas trajetórias como professor de Estágios Supervisionados, e outras disciplinas “práticas” ou “pedagógicas”, sempre olhei com curiosidade “as falas” de licenciandos, as vezes em tom provocativo, porém “sinceros”, de que os professores destes componentes na Universidade, desconheceriam o mundo “lá fora” (a escola) ou além do que existe fora de sua “bolha” (a Universidade), explicitando um choque de “realidades” que eles vivenciam enquanto estagiários nas escolas-campo. Estas falas revelam conflitos e tensões existentes, não só entre a universidade e a escola, entre a prática e a teoria, entre uma metodologia/didática “ideal” e uma “real”, mas também de um processo de constituição de uma identidade, de subjetividades e de um “dar sentido” para tudo aquilo que o sujeito “vive” enquanto professor em formação (GREENE, 1995, p. 82).

De todo modo, estas tensões e conflitos só poderão ser externalizadas a partir de um espaço de diálogo e troca de saberes e experiências, dentro de uma concepção de horizontalidade do conhecimento e de um entendimento de que cada sujeito carrega consigo um rico e profundo repertório de saberes e conhecimentos. É neste contexto, que a sala de aula ou a escola, transformam-se em um espaço de estranhamentos, onde o estagiário (e por vezes o professor do Estágio, sensível a este movimento) se coloca como um estrangeiro que retorna ao seu lugar de origem, considerando que um dia também percorreu caminhos semelhantes (ou de forma radical: opostos) em sua formação, implicando assim, um encontro com a alteridade e uma mudança de olhar para si e para o outro². O estranhamento gerado por este encontro poderá se constituir em um caminho para o diálogo, para a troca de ideias, a busca de novos sentidos à formação de professores, e por estes motivos, é que consideramos os Estágios como potência no campo da formação: que se desdobram a partir das escolhas, engajamentos, dos olhares sobre si e sobre o mundo (a escola, o ser professor), enfim, de suas experiências.



Pablo Sebastian
Moreira Fernandez

Paulista, criado nas bordas da Serra da Mantiqueira. Professor de geografia(s). Curioso por cerâmica, fotografia, fenomenologia e pelos diversos Brasis. Pai de Anelis. Orientador de Estágios na Licenciatura em Geografia da UFRN.

¹ Extrato de um texto homônimo publicado no livro “O Estágio Supervisionado e o Professor de Geografia: múltiplos olhares. Organizado por Daniel M. Vallerius (et al). Paco: Jundiá, 2019.

Inspirado neste estrangeiro que retorna à sala de aula, tenho concebido os Estágios Supervisionados como um trajeto que se esboça a partir de uma questão “ponto de partida”: Por que ser professor? Após uma tempestade de ideias e palavras que emergem, reconhecemos: motivações pessoais, sonhos, desejos, idealizações de uma profissão, e até mesmo o que alguns destes futuros professores nomeiam como “vocação”. Este é um momento que pode se tornar um divisor de águas em uma turma, visto que são reveladores de “diversos” pontos de vista: desde falas que indicam uma afeição à certas áreas de conhecimento/disciplinas (Geografia, Ciências,...) mobilizada a partir das memórias de um(a) professor(a) “que os marcaram”, seja pelo olhar crítico, pelo engajamento, pela empatia ou pelo fato de lhes ter apresentado coisas “importantes”, até o oposto, como escolha pela falta de opção, “por ser mais fácil” ou ainda por curiosidade.

² O termo estrangeiro é utilizado de modo recorrente nos relatórios e narrativas destes futuros professores, quando se referem à sua “entrada” na escola, e também para indicar o modo como são “vistos” na escola, não tendo um sentido pejorativo, mas despertando laços de solidariedade e acolhimento, onde, esta imagem de si, se referencia em um “possível” olhar do outro. Greene considera que o olhar do estrangeiro é uma forma de resgatar um sentido de humanidade ao professor (sua história de vida) massificado pelo sistema escolar, e ainda de reconhecer as diversas realidades na qual se insere, de modo que “hacer a esa persona visible para sí misma” (Maxine Greene, 1995, p. 87).

³ Jorge Larrosa. Tremores: escritos sobre experiência, Belo Horizonte: autêntica, 2014, p.28.

É a partir destas falas e narrativas de futuros professores em salas de aula repletas de diversidade, de sujeitos com seus trajetos e trajetórias de vida, produzindo encontros, questionando e repleto de anseios, estranhamentos e afetos que “transcendem a sala de aula” como em um caminho a ser percorrido, imagem que diz de um entendimento da experiência como potência educativa, conforme o filósofo da educação Jorge Larrosa, para quem esta palavra não diz de “um caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem prever nem pré-dizer”³.

A experiência dentro do Estágio não é só um conceito, uma ação ou procedimento objetivo, mas ela pode indicar um modo de habitar o mundo “de um ser que existe” levando ao entendimento de que ela participa de um processo “maior” de construção de si enquanto sujeito, professor e aluno.

Para iniciar “outros” percursos..

O professor estrangeiro retorna ao seu lugar de origem, entendendo que seu caminho (de distanciamento e volta) faz parte de um movimento onde poderia criar a si mesmo (em uma identidade de “ser professor”) e criar um sentido para o encontro com o outro, com a alteridade. Neste retorno, ele vê a escola “além” de sua localização real em um mapa, pois ela adquire outro modo de referenciamento: as experiências dos sujeitos e seus sentidos dados a escola. A sala de aula, o pátio, os corredores, o entorno da escola, se transfiguram em lugares de encontro destes futuros professores, aonde podem expressar seus caminhos (projetos) e compartilhar percursos e trajetórias vividas (que podem agora ser chamadas de experiências), através da “intersubjetividade da linguagem, dos significados acumulados, da história” (GREENE, p.111).

O relato terá papel fundamental no Estágio, pois além de ser uma mediação deste sujeito com os conceitos e teorias, como modo de registrar suas práticas, torna-se também uma possibilidade de comunicação, organização e quem sabe, de expressão e tomada de consciência de si (e do outro).

“(..) tenho concebido os Estágios Supervisionados como um trajeto que se esboça a partir de uma questão “ponto de partida”: Por que ser professor?”

Assim, resta pensar sublevações ao relatório burocrático que se assemelha ao inventário: com a quantificação de mobiliário, salas, equipamentos, com um calhamaço de fotografias em anexo (com legendas que não se conectam com o texto escrito), repleto de afirmações e obviedades. Diante desta “forma”, concluímos com duas tentativas de resignificação. A primeira se dá no estímulo à leitura coletiva e individual de textos literários, contos e crônicas, buscando uma “língua” que fale “do que foi vivido na escola”. A segunda, se dá na apresentação e análise pelo estagiário de uma fotografia que seja “significativa”, junto de uma legenda que diga de sua vivência na escola. Destas imagens repletas de geografia(s), poderia citar: um prato de sopa no chão da sala de aula, uma escola em reformas e destelhada que mesmo na precariedade revela pertencimento, um buraco no meio da quadra, uma parede rabiscada com nomes dentro de um coração em giz a dizer de territorialidades; ambas que interpretadas, ganham potência para fomentar diálogos, afetos e troca de conhecimentos.

